

## APROPRIAÇÃO DA RENDA FUNDIÁRIA - O CASO NORTE PARANAENSE -

MANOEL ANTONIO MUNGUIA PAYES \*

Gente, o que me propus a discutir com vocês hoje é a questão de entendermos as razões pelas quais se deu a ocupação e desenvolvimento do Norte do Paraná, isto é, enxergando este processo do final do século passado até aproximadamente 1960 e visualizar neste processo a apropriação da Renda da Terra por parte dos pequenos produtores ou, se quisermos ainda, chamar de produção camponesa.

Além dessa pretensão, eu pretendia lançar algumas hipóteses sobre esta questão, isto é, a questão da apropriação da renda fundiária pela produção camponesa; num caso concreto hoje, seria em Rio Azul.

Rio Azul, como vocês sabem, está bem mais para o sul, indo para Santa Catarina; então, esse seria meu objetivo, que estou pretendendo discutir com vocês.

Alguns problemas de comunicação e de entendimento normalmente se apresentam quando a gente discute a renda da terra, provavelmente pelo pouco uso, pela pouca divulgação que persiste na aplicação e na utilização desse corpo conceitual. Então, no início, eu gostaria de fazer uma breve introdução teórica, tentando sintetizar bem simplesmente os conceitos que me parecem pertinentes para poder entender o ponto a que me propus.

Vou fazer uso de transparências e no possível tentar deixar mais acessível este tipo de informação.

Bom, de início, a gente poderia lembrar que quando nós estudamos a agricultura é necessário considerar pelo menos esses 3 fatores de produção: capital produtivo, capital dinheiro e terra. Há uma expressão econômica correspondente a cada um deles. Vejam, quando a gente fala de

---

\* Técnico do Instituto Agronômico do Paraná - IAPAR.

anda fundiária, estamos nos referindo à expressão econômica da terra, quando a gente se refere a lucro médio, nós estamos referindo ao capital produtivo, juro correspondente ao capital dinheiro.

Bom, a seguir, quanto à renda fundiária, a gente poderia pelo menos encontrar quatro grupos: a diferencial, a absoluta, a especulativa e a renda de monopólio. Por sua vez, a renda diferencial se subdivide em dois grupos: a renda diferencial um e a dois. A diferencial um provém por diferenças na fertilidade natural do solo, enquanto que a localização se refere aos solos do mesmo tipo de fertilidade e podem estar em distâncias diferentes em relação ao mercado, força de trabalho, enfim, diferentemente.

E, finalmente, a dois, que provém com o incremento do capital pela área. Bom, aqui eu gostaria de ressaltar o seguinte no caso da cafeicultura. Até esse período, na realidade, esse tipo de renda diferencial dois não se fez presente, porque a técnica até esse período vigorante na cafeicultura era relativamente homogeneizada, isto é, o sistema de plantio, o número de pés por área, o maquinário de beneficiamento e todos os componentes técnicos na produção de café eram os mesmos em São Paulo como também no Norte do Paraná. A partir dessas categorias para podermos entender o desenvolvimento do Norte do Paraná, acho que terá que se fazer uso principalmente da renda diferencial um por fertilidade de localização e também em determinados períodos, renda especulativa e renda de monopólio.

Bom, finalmente teremos que lembrar duas dificuldades, a diferença de preço de produção e preço de mercado. A diferença é pertinente pelo seguinte: que o primeiro é um preço que se define na esfera produtiva, enquanto que o segundo, como o nome já diz, se define na esfera de circulação, esfera de mercado, aquele confronto entre oferta e procura.

Vejam a pertinência de distinguirmos já nesta pequena abordagem teórica a questão do preço de produção e preço de mercado. Talvez este gráfico possa nos mostrar melhor. Este retângulo estaria mostrando os preços de produção por um lado os custos e depois o sobre-trabalho.

Vejam os custos se a gente está incluindo: maquinário, equipamentos, desgastes de equipamentos, animais, insumos e por outro lado, bens de sua assistência, enquanto

que nesta porção aqui o sobre-trabalho, a gente incluiria o lucro e a renda da Terra. Pois bem, vejam as questões seguintes, este  $H_1$ ,  $H_2$  e  $H_3$  representam os preços de mercados, o que eu estou querendo dizer para vocês é o seguinte: que o preço de mercado nem sempre coincide com o preço de produção, que o preço de mercado nem sempre reintegra todos os componentes que se definem já na produção. Então, a gente poderia ter no caso deste preço 1 ( $H_1$ ) que ele cubra os preços de produção mais alguma parte do sobre-trabalho não acaba ficando com o produtor e assim sucessivamente. O ( $H_2$ ) cobriria apenas o custo de produção e o ( $H_3$ ) nem mesmo isso.

Bom, então apenas diferenciar estes dois conceitos: preços de produção é um preço definido na esfera produtiva, enquanto que o outro é definido na circulação.

O desenvolvimento do Norte do Paraná, talvez tenha sido favorecido por uma conjuntura favorável para os produtores do Norte do Paraná, na exploração do café, e essa conjuntura poderia ser analisada de duas formas. Por um lado, uma conjuntura favorável em relação aos preços do café, por outro lado, uma conjuntura que também foi ainda mais facilitada pela constante melhora de localização.

Então, o que estou querendo dizer é o seguinte: que até pelo menos 1960, o preço que era pago para os cafeicultores foi suficiente para gerar, para restituir a renda da terra aos produtores que exploravam, a região do Norte do Paraná.

Bom, neste gráfico aqui os preços internos e externos do café, a taxa cambial, produção, exportação e ainda estoques nessa parte de cima; vocês podem observar que desde do final do século passado o preço interno do café, - o preço que era pago dentro do Brasil - , apenas das oscilações que ele teve, sempre variou menos do que quando havia variações para baixo do preço do café. O período da década de 30, após a grande depressão, com a caída que aparece no preço do café no mercado internacional, correspondem a altas ou caídas menores no preço interno, e a taxa cambial continua a aumentar; é isso que eu estou querendo falar. Vejam aqui, a partir de 30 começa a cair, no entanto, a taxa cambial aumenta o preço do café embora caia, é menos que as caídas do mercado internacional.

Bom, qual a pertinência desse tipo de informação?

Vem confirmar o seguinte: em 1º lugar tem-se que a atividade cafeeira foi uma atividade extremamente defendida, apoiada pelo próprio Estado; ou melhor, a burguesia cafeeira paulista se fazia presente no Estado, e tinha condições de, através da máquina Estatal, manter a defesa nos preços do café. Vejam, isso ocorria para melhorar São Paulo, para proteger os interesses da burguesia cafeeira, mas, quando ocorria isso, sem intenção explícita, estava beneficiando a incorporação das terras no Norte do Paraná.

Esse quadro 1 (um) é particularmente pertinente  $\times$  porque tem por base a estrutura de custos que, antes da crise de 1928, foi calculada por Muniz e ele divide a soma cafeeira paulista em três regiões, a zona velha, a média e a nova, segundo a faixa etária dos cafeeiros.

Pois bem, observem que na soma velha, seus custos de produção, tanto medidos por mil réis, por arroba ou por mil réis por saca são os mais altos, e a medida que desce da zona velha para nova, os custos começam a diminuir; observem ainda que a zona velha naquela época compreendia 60 % do número de cafeeiro paulista.

Tendo essa estrutura de custos presentes podemos então tentar calcular o montante de excedente que gerava, que se apropriava São Paulo; naquele ano, o preço médio por saca de café pago no Brasil era de 204,6 mil réis pagos por saca.

Então, pode-se perceber o seguinte: como sabemos que todos os cafeicultores independentes de estar explorando suas terras, na zona velha, média ou nova, vendiam seus cafés por aquele preço, constatava-se o seguinte: primeiro, uma renda diferencial. A diferença entre esses custos menor na zona nova, por saca; exatamente por essa diferença nos custos de produção em relação ao custo mais alto, surge a renda diferencial. Por outro lado, a diferença entre este custo mais alto e o preço de mercado deve incluir a renda absoluta, com o lucro médio, e possivelmente também a renda de monopólio.

Vejam o quadro 3(três) podemos observar que, embora aqueles dados anteriores sejam colocados em 1928, antes da crise, a evolução dos preços externos e internos apresentou esta performance aqui: vejam que o preço pago no mercado internacional no quinquênio de 25 a 29, com base nesse período em relação ao quinquênio seguinte, caiu 52,9

%; 63,5 % no quinquênio 41-44 em relação ao quinquênio 25 a 29. No entanto, os preços internos, isto é, o preço que o Estado pagava ou administrava para os agricultores caiu bem menos.

Bem, como é que então podemos articular essas informações com o Norte do Paraná, com o processo que se manifesta aqui...

Em primeiro lugar, lembremos que as diferenças de preço entre a zona velha, média e nova, respondem na realidade por questões de solo, isto é, na zona nova existiam custos de produção menores porque os solos explorados nestas zonas eram extremamente mais férteis em relação àquela zona velha. E era exatamente isto que ocorria no Norte do Paraná. Se há, por um lado, numa certa conjuntura, um preço de café que é definido tendo por base a zona velha produtora em São Paulo, e por outro extremo, uma zona extremamente fértil com custos de produção extremamente baixos, não há dúvida de que aí encontramos um grande impulso na ocupação das terras do norte do Paraná.

De outra forma, se qualquer empresa, produtor capitalista no início do presente século comparava o preço que ele receberia em Santos com os custos que ele teria explorando café no Norte do Paraná, percebia que existia uma grande diferença; isto é, que ele poderia lucrar muito. Assim, podemos entender porque as terras do Norte do Paraná começaram a ser incorporadas particularmente com o café e temos também uma questão de faixa etária, isto é, os pés de café no Norte do Paraná eram mais novos que os pés de café em São Paulo.

Nesse quadro observa-se o seguinte: primeiro constata-se a evolução das propriedades de cafeeiros em São Paulo; o incremento que houve no período de 20 para 34, em relação às propriedades foi de 286 %, contra uma evolução do parque cafeeiro de 80 % de 34 para 42; as propriedades diminuem de 100 % contra uma diminuição do parque cafeeiro paulista de 20 %.

Assim, pode-se verificar que as propriedades neste período aumentaram, e no seguinte período diminuíram 100 %, justamente pela crise que se manifesta em 29 na grande depressão, enquanto que o número de cafeeiro aumenta em 79 %, no período de 20 para 34 e posteriormente ele declina 20 %.

Também no quadro subsequente pode-se observar que, em relação à idade dos cafeeiros que existiam em 41-42 em São Paulo, apenas 3 % deles foram plantados durante a década de 30. No Norte do Paraná podemos perceber que o parque cafeeiro não parou de crescer, embora na década de 30 esse crescimento tenha sido menor que o período precedente.

Segundo a idade constata-se que 50 % são novos cafeeiros, plantados na década de 30. Aqui, cabe uma questão: como é que é possível numa conjuntura de depressão, numa conjuntura de crise, explicar o crescimento da cafeicultura no Norte do Paraná? E, novamente, a questão só pode ser explicada porque o solo é extremamente fértil nesta região, na terra roxa, permitindo aos cafeicultores custos extremamente baixos em relação ao preço do café definido em São Paulo.

Aqui temos um quadro que mostra apenas os índices de rendimento médio de São Paulo e do Norte do Paraná. Aqui, estamos tomando a zona um, como aquela zona velha, isto é, a zona menos produtiva. Tendo como base esta zona, podemos ver o número de vezes que as outras zonas sejam mais produtivas em relação a ela. Bem, a zona 2 representa em São Paulo, a média, enquanto que a zona 3 representaria aquela zona de São Paulo, mais produtiva, mais fértil, normalmente o Oeste Paulista. E aqui temos o Norte do Paraná, o Norte Velho, Norte Novo e o Norte Novíssimo.

Vocês podem observar que de fato esse quadro confirma a extrema fertilidade dos solos do Norte do Paraná. A produção é várias vezes até superior à produtividade média, por kg., a relação por mil pés de café, também, se compararmos essa questão de rendimentos, não por zona, mas a região toda. Pode-se constatar também que, em relação a São Paulo, o Norte do Paraná sempre teve mais produção por área ou por mil pés de café.

Embora seja um pouco chato estar tentando acompanhar essa porção de dados, o fato é que pode-se ter uma idéia do excedente ou do papel que cabia à renda da terra na explicação como instrumental de entendimento da lógica, do processo todo de ocupação, incorporação e desenvolvimento da região Norte do Paraná.

Agora, vejam bem, estamos apenas falando do solo

mais fértil, dos maiores rendimentos do preço, mas o fato é que naquela época, o Norte do Paraná era uma região virgem, uma região que não tinha infra-estrutura, estradas, bancos, armazéns e comércio.

E tudo isso precisava ser incorporado, construído. Então são dois processos que ocorrem simultaneamente. Se, por um lado, as terras do Norte do Paraná eram mais férteis, por outro lado elas estavam bem mais localizadas em relação às terras exploradas em São Paulo. Esse processo de contínua melhoria da localização do Norte do Paraná, era um processo bastante conhecido. Inicia-se com as estradas de ferro, com o papel desempenhado pelo Major Barbosa e principalmente pelo papel desempenhado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná.

Com esse processo de tornar acessível, mais perto, as terras do Norte do Paraná com relação aos mercados, também se conseguiu que novas pessoas, viessem viabilizar também isso, isto é, viabilizou a melhoria de localização, a formação também de mercado de trabalho.

Com as terras férteis se tornando mais acessíveis, com a infra-estrutura começa o fluxo de gente, juntamente com essa melhoria de localização começa a se fazer mais presente já no início e final dos anos 30, e começo dos anos 40, quando de fato esse processo é extremamente incrementado. Quando se defronta com "alguma pessoa que deu certo na cafeicultura", essa pessoa se transformou de colono para proprietário.

Vocês podem constatar que esses processos todos se manifestaram principalmente nas décadas de 40 e 50. Bem, esplanada esta conjuntura que estava dominando naquele período e que influenciava a ocupação do Norte do Paraná, poderíamos analisar o outro lado da questão, isto é, quais eram as condições pertinentes do ponto de vista do produtor camponês na produção de café.

Ao estudarmos esse processo de produção de café por ex-colonos ou pelos pequenos parceiros, arrendatários, enfim, por esse conjunto de produtores familiares ou produtores camponeses, percebe-se o seguinte: em primeiro lugar, que tanto o instrumental de trabalho ou melhor, tanto a formação do cafezal como a produção de bens de assistência, foi produzido, feito pelo produtor; o que estou querendo

dizer é o seguinte, que naquele período era possível o produtor formar seu cafezal, era possível plantar sua roça, sem necessidade de Banco, sem a necessidade da presença do Estado. É isto que estou querendo dizer, mas isto é particularmente importante, porque em primeiro lugar isso se reflete em custos ainda mais baixos, mas não é só por isso não. É porque isso também vai se refletir na própria autonomia no comando do processo de trabalho do camponês, isto é, as técnicas que se incorporam a sua própria jornada de trabalho e relações que se estabelecem com outros agentes fora a produção, dá a ele, camponês, mais autonomia, exatamente porque é ele que participa, que produz, que elabora, que constrói aquelas condições objetivas de trabalho, é ele que forma o cafezal. Analisando esses aspectos na produção parece que temos mais elementos para entendermos porque esses pequenos agricultores, esses produtores familiares tiveram condições de se tornar proprietários da terra e porque esses pequenos produtores tiveram condições para dar até educação superior aos seus filhos; nem todos é claro, mas um percentual considerável.

Se juntarmos aquela conjuntura mais geral da qual mencionei atrás juntamente com essas condições que se manifestavam ao nível das produções, conseguimos entender como é que eles podiam se apropriar de uma parte do sobre-trabalho, isto é, de pelo menos uma parte do lucro e de pelo menos da parte da renda da terra.

Embora a pesquisa de Rio Azul não esteja finalizada algum indicador a gente já tem; como vocês viram nas transparencias, tentamos ressaltar que a definição do preço, que vai ser pago ou recebido pelos produtores, no caso da cafeicultura, naquele período era um preço definido pela zona menos produtiva, era um preço definido tendo por base aquelas condições de produção piores, isto é, aonde os custos serão mais altos e é justamente esse processo que não mais se manifesta atualmente. Em Rio Azul o que a gente observa particularmente naqueles produtores que estão integrados com uma agroindústria de fumo, o preço é definido não nas piores condições, mas nas melhores, ou seja, define-se um preço tendo por base os custos menores e não mais altos. Com isso consegue-se justamente eliminar o que houve no Norte do Paraná, isto é, a agroindústria consegue desse



jeito, não reintegrar ao produtor a renda fundiária e nem mesmo o lucro.

Bom gente, teria mais algumas transparências para discutirmos, mas a intenção era colocar alguns aspectos da renda fundiária para explicar esse processo todo e tentar motivar um debate.

## D E B A T E

PERGUNTA: Quanto ao preço de mercado a ser colocado no porto de Santos, você teria essa possibilidade; entretanto, é essa questão que eu gostaria que você desenvolvesse melhor. Quando você fala sobre a posição camponesa na produção de café, que ele não precisa de banco, não precisa de Estado, ele é mesmo quem forma o cafezal, portanto, ele pode viver, pagar a sua terra, e coisa e tal. É importante levar em conta o percentual do volume de terra ocupada pelo pequeno camponês. Se em nº de propriedade é grande, em nº de área a totalidade da área é uma totalidade pequena, e isso vem aparecendo cada vez mais como um lado significativo, ou seja, o nº de proprietários é grande, e o nº de áreas ocupadas por esses pequenos proprietários é pequeno...Então, como explicar o desenvolvimento do Norte do Paraná até a década de 60 pela menor parte da área ocupada. Ou seja, a área ocupada pelos camponeses, pela produção camponesa de café, ela é em torno, no máximo, em torno de 1/3 da área ocupada pela produção cafeeira chamada de grande propriedade. Como explicar portanto o desenvolvimento do norte do Paraná pela parcela menor de área ocupada, em termos de café? (Nelson)

RESPOSTA: De fato como eu disse no início, a intenção é mais provocar, e também pelo próprio tema eu não quis entrar muito em detalhamento desses aspectos. Mas eles foram contemplados sim. Vamos deixar a questão de sua observação sobre a visão unilateral de renda no desenvolvimento do norte do Paraná mais para o final do que agora vou

responder.

A parte histórica que já analisei, mostra que no final do século passado, o Estado, que na época se identificava como a burguesia cafeeira paulista, criou condições extremamente favoráveis para que as terras do oeste paulista, mais férteis, mais novas, virgens, fossem constantemente e continuamente incorporadas à produção cafeeira de São Paulo. Só para lembrarmos, essas condições mais favoráveis se refletiram em alguns aspectos, um deles é extremamente importante, foi no suporte, no apoio e na intermediação de recursos para a contínua expansão da rede ferroviária. Ou seja, a rede ferroviária foi construída procurando incorporar novas terras do oeste paulista. Mas também, o Estado deu condições para um crédito extremamente farto e barato. E além disso, lembremos, o Estado inclusive subsidiou a força de trabalho que os cafezais estavam requerendo. Mas veja, enquanto que até 1930 a burguesia cafeeira paulista se identificava com o Estado, a gente percebe claramente, o apoio à defesa, enfim, de todos os meios disponíveis para defender os interesses dessa burguesia. E que nosso processo de defesa, foram se incorporando as terras do oeste paulista, e aí sim paulatinamente, porque esse foi um processo lento. A incorporação de terras não se dava apenas quando a ferrovia tinha já chegado àquelas terras, isso se dava como normas incorporando terras bem na frente dos pontos finais das ferrovias. Bem na frente inclusive dos centros urbanos, dos núcleos urbanos instalados, criados. É que nesse processo, aí sim, se deu um processo de extrema especulação.

Nessas conjunturas particulares entra como mecanismo de explicação, categoria de explicação, a renda especulativa. Lembremos ainda que o próprio Armando Barros de Castro mostra que o que havia nesse período era a produção da fazenda de café, mas isso, vai se dando no oeste paulista. Do oeste paulista para o norte do Paraná, forma-se essa pipoca, quer dizer pipocando, era um que pintava e não dava certo, era outro e se foi manifestando esse processo todo.

Agora há um segundo aspecto, que é a questão da produção cafeeira não ser pertinente até 1940. Agora, não podia porque até 1940 as melhoras de localização eram muito regionais, basicamente restritas a algumas regiões do norte velho. E além disso, embora como você disse, a ferrovia

chega a Londrina em 1934, não esqueçamos que em 34 os efeitos da depressão são extremamente grandes. Os dados analisados sobre o parque cafeeiro no Paraná mostram que naquelas regiões mais antigas, de Tomazina, da região de Cinzas e até mesmo de algumas regiões de Jacarezinho, os cafezais foram mesmo abandonados. O café no norte do Paraná, durante os anos de 30, de fato não foi grande, mas não parou de crescer, e esse crescimento se deu nas áreas onde os solos eram extremamente férteis, de Cornélio Procópio a Londrina.

Agora o que eu disse e de fato aí não quis entrar muito em detalhes, mas nem por isso é impertinente, é que o processo de fato de incorporação, o processo de crescimento do Norte do Paraná só se deu mesmo no final dos anos 30 e principalmente nas décadas de 40 e 50, quando aí sim temos novamente aquela conjuntura de preços favoráveis, temos toda a configuração do mercado de trabalho e temos ainda o desenvolvimento de infra-estrutura e o próprio papel não menos importante desenvolvido pelas Companhias de Terras vendendo lotes, com crédito e tudo o mais. Bom, aí a gente pode responder um outro ponto.

Não é verdade Nelson, que a produção camponesa neste período, isto é, no período de 40 até 60, tenha sido pouco importante. Na realidade, e isso a gente tem dados, existe apenas uma pesquisa da época, que é extremamente confiável e extremamente detalhada. É uma pesquisa desenvolvida pelo IBC e pela OEA, feita em 1963, sobre o levantamento de toda a estrutura do parque cafeeiro. Essa pesquisa mostra que na realidade aquela produção, - a qual a gente poderia chamar de produção capitalista de café - , respondia por apenas 33%. E aqui é bom adicionar mais um elemento, e que, se bem que os lotes vendidos de terras pelas Companhias ficavam, segundo os dados disponíveis, na média de 14 alqueires, lembremos que a gente também sabe que 14 alqueires por família, era impossível apenas uma família tocar. Aí, o papel muito importante e pouco explorado do parceiro, meeiro, que eram também pequenos produtores familiares com autonomia no processo de trabalho. Segundo as informações que a gente conseguiu reunir, na média existiam por cada lote que (calcula-se em 30 mil lotes) existiam 3 famílias, isto é, 3 famílias de não-proprietários, explorando conjuntamente com os proprietários cafeeiros.

Infelizmente, eu não trouxe esses dados, mas a gente poderia em uma outra oportunidade expor isso com dados.

Então, concluindo, não é de forma alguma unilateral afirmar que o desenvolvimento do norte do Paraná deve ser entendido e compreendido através da renda fundiária, particularmente da renda diferencial 1 (que pode ser tanto por localização quanto por fertilidade) e 2 (que há incremento de capital por unidade de área). Isto porque, na medida em que esse processo de localização foi extremamente melhorando, que se criaram condições para que os produtores dessa região pudessem vender seus cafés obtendo grandes ganhos. É somente esses ganhos que me explicam o processo muito rápido, extremamente rápido que houve no norte do Paraná. Em questão de 20 anos segundo CALIL PADIS, apenas na região das Companhia de Terras, a própria Companhia instala em torno de um milhão de pessoas onde antes havia índios, alguns caboclos e posseiros. E a isso, lembremos que, junto com o café, todos aqueles outros agentes que dominam a área da comercialização, beneficiamentos, transportes, os bancos e tudo isso, tudo isso tinha por trás dessa produção.

PERGUNTA: Mancel, o preço era determinado em função das zonas produtivas, no caso do município de Rio Azul o preço é tomado pelas áreas mais produtivas. Quais as vantagens ou desvantagens? Detalhe um pouco mais o problema extrapolando, inclusive para as épocas mais recente. (Yoshiya)

RESPOSTA: Eu também não quis entrar muito em detalhes nessa afirmação, só para não cansar com muitos gráficos, dados e essas coisas todas... Mas talvez essa figura dê mais elementos para entender os conceitos daí. Veja, a hipótese, e de fato, é hipótese, porque a pesquisa ainda não foi concluída, é que esse processo, ou seja, o processo pelo qual na produção camponesa se determina um preço, não nas piores condições mas nas melhores, é um processo que ocorre não apenas em Rio Azul. É um processo que ocorre com a produção camponesa em geral. Mas aqui a gente pode observar o seguinte (figura); desse lado na horizontal a gente teria produtores explorando com condições de trabalhos diferentes, isto é, alguns com certa técnica, outros com outra técnica, um com enxada, outro com trator, ou então um solo é mais fértil, outro solo é menos fértil. De forma que deste lado, estariam os produtores com as piores condições, na

medida em que eles começam a produzir em condições melhores o custo de produção começa a cair.

Muito bem, já disse que o preço de produção de uma categoria que se define na esfera produtiva, inclui o lucro médio, a renda diferencial e ainda a renda absoluta. Pois bem, então, suponhamos o seguinte: temos 3 produtores, A, B e C. O produtor B com "x" tipo de técnica e explorando "x" tipo de solo pior consegue produzir 80 sacas e outro 100 e outro 105 sacas. Ocorre o seguinte: se a gente puder transformar o juro cobrado, o lucro do comerciante, o lucro do beneficiador se persistir e transformar esses pagamentos em mercadorias, em produção, digamos que isso corresponde a 50 sacas... Isto é, quando o capital cobra, extrai essas 50 sacas que corresponderiam ao imposto, juro comercial, etc...etc...Então, ele cobra para todo mundo, isto é, para todos os produtores que exploram aquele produto em particular, por exemplo, o feijão. Então veja, quando isso ocorre, nem todos os produtores conseguem repor aquela outra parte, que seria o necessário para ele cobrir as suas despesas e garantir a sua reprodução. A gente teria aí duas formas: Uma delas que é o necessário à reprodução daquele produtor em particular. É claro que, aquele que explora com trator tem seu custo de reprodução maior, mais despesas do que aquele que explora com tração animal. Mas na hora de fazer esse pagamento, tanto faz ele com tração animal ou com trator, ele vai pagar aquele montante não por ele mas pelo capital, isto estamos supondo neste caso de 50 sacas. Então veja, o produtor B, que produz apenas 80 sacas ele não chega nem mesmo a cobrir, nessa diferença aqui de 15 sacas, não cobra nem mesmo seus custos de reprodução. Isso quer dizer que provavelmente ele terá que desenvolver uma série de estratégias, tais como, o assalariamento temporário, a incorporação ao trabalho dos filhos menores, dos pais enfim, dos membros da família mais velhos, e se esse processo persistir, no limite, ele vai ter que vender a terra. O produtor A, ele consegue pagar juros, impostos, mas sobram 50 sacas, exatamente o montante que viria garantir a reprodução simples. E finalmente o produtor C, é que é aquele que explora em melhores condições consegue pagar para o capital, repor o seu custo de reprodução e ainda sobram 3 sacas, que constituiriam em uma parte de seu exce-

dente que ele se apropria.

Então vejamos, aqui ocorre o seguinte: se o preço for definido, tendo como base os piores custos, os preços teriam que ter como base esse custo, no entanto, esses preços estão tendo como base os custos menores, isto é, os custos advindos dos produtores que exploram aquele produto em particular, nas melhores condições. Com isso, o capital consegue se apropriar do lucro médio, como também da renda fundiária. Seria o mesmo que dizer: no caso da produção camponesa, aquela terrinha que juridicamente pode até lhe pertencer, ela não se torna barreira, obstáculo para o capital poder arrumar, conseguir a produção e o sobre-trabalho, o excedente.

PERGUNTA: Você poderia distinguir renda absoluta de renda de monopólio? (Yoshiya)

RESPOSTA: Bom, naquela primeira figurinha que a gente tentou colocar aqui me parece que pelo menos 4 tipos de renda viriam ou poderiam eventualmente compor a totalidade da renda fundiária. Então temos: diferencial, absoluta, especulativa, monopólio. A diferencial como já disse, responde por diferença, seja porque o solo contém fertilidade natural diferente ou estão diferentemente diferenciados. A dois, responde ao incremento por unidade de área. A absoluta não, a absoluta, Marx que é quem desenvolve a renda absoluta, diz que, em 1º lugar na agricultura a composição orgânica do capital é mais baixa do que na indústria, mas que, além disso, existe um outro elemento que explica essa renda absoluta. É o fato de que todo proprietário de terra pelo fato de ser proprietário, isto é, por ser ele exclusivamente quem decide se explora ou não explora aquela terra, ele cobra um pedágio, cobra um tributo, e exatamente isso é que Marx denomina renda absoluta. Advindo portanto da propriedade, aquele agricultor, e por isso que a gente diferenciou, e estamos pensando em diferenciar entre o proprietário camponês que não recebe essa renda e o proprietário capitalista que recebe.

A renda de monopólio se manifesta quando o preço de mercado vai tão lá em cima que supera o preço de produção, que supera ainda o valor da produção. Para melhor entendermos isso eu faria ainda um lembrete aqui do que está ocorrendo até agora com fenômeno da laranja em São Pau-

lo, com a questão das geadas na Flórida. O preço do suco de laranja de um momento para outro, subiu "barbaridade", mas os custos de produção continuaram os mesmos. Então, quando ocorre isso, o preço de mercado se distancia do preço de mercado e do valor da produção; então, essa diferença é que Marx chama de preço de monopólio. E ele entende que, há essa renda de monopólio pelo fato que um país em particular tem tanto poder de barganha, que consegue impor um preço ao mercado, isto é, consegue determinar um preço bem acima do próprio valor que ele dispendeu naquela produção. Lembremos ainda que isso também ocorreu na cafeicultura no período depois da 2ª Guerra Mundial. Os preços do café aumentaram em 70 %, e de fato isso deve ter sido tão grande que não se respeitou nem mesmo as áreas sujeitas às geadas, ou solo ruim, onde podia ser explorado o café, se explorou. (Mun-  
guia)

PERGUNTA: Será que o pequeno produtor camponês podia pagar a terra e enfim, absorver parte do sobre-trabalho, pelo fato do Estado praticar uma política de valorização que em si significa socialização de prejuízos? E também por ser essa política geral e não seletiva? (Márcia)

RESPOSTA: Bom eu acho que entendo a questão. Vejam eu tentei ressaltar que o que estava ocorrendo em São Paulo e a definição do preço do café, na realidade, procurava defender aqueles interesses que tinham acesso. E o Estado, não teria preocupação nenhuma com os governantes do norte do Paraná. Mas o preço, que era definido era tanto válido para o produtor de São Paulo como para o produtor do norte do Paraná, que tinha que pagar mais frete, era um outro transporte e tudo o mais. Então, não está se discriminando ou separando seletivamente o produtor de lá e daqui. Essa seleção, essa separação, a gente faz quando se tenta captar os custos de produção diferentes.

Agora, não tenhamos dúvida que, na medida em que o Estado, defendendo os preços do café, não permitindo que as caídas lá fora no preço do café sejam na sua integridade refletidas para os preços internos, não tenhamos dúvida, está tendo de fato uma socialização do prejuízo; mas isso é do capitalismo. Estava ocorrendo isso mas os produtores e aqueles produtores aos quais o Estado estava querendo defender, estavam sendo defendidos, esse era o objetivo do

sentido. É como aquela idéia do guarda-chuva, quando o Estado começa a proteger os preços, então aquelas áreas virgens, bem dotadas como fala Castro, tinham condições de incorporar as terras, de produzir café em condições vantajosas. Essa política de defesa do café acabou beneficiando outros países que tinham condições de produção vantajosa aquele preço do Brasil.

PERGUNTA: Você falou bastante sobre a apropriação da renda fundiária no norte do Paraná e São Paulo, abordando "a produção cafeeira". Atualmente, o binômio soja-trigo está substituindo o café no norte do Paraná. Há alguma diferença na apropriação da renda fundiária nesses momentos diferenciados? (Yoshiya)

RESPOSTA: Bom gente, talvez melhor do que eu para tocar esse ponto seja o professor Shigeo, mas se a gente puder dar algumas dicas, ou algumas interpretações, a gente privilegiou a categoria renda diferencial 1, por fertilidade, contrabalançada pela localização. Isto é, embora os solos daqui fossem mais férteis que aqueles lá de São Paulo, a localização dos solos daqui era desvantajosa, na medida em que essa balança pendurou para ressaltar a fertilidade; então, tornou-se inviável a incorporação das terras do norte do Paraná, e esse processo como eu já disse, se deu fundamentalmente nas décadas de 40 e 50. Agora, com a soja e o trigo eu vejo a necessidade de incorporar também a renda diferencial. Lembremos que o binômio como tem sido chamado (soja - trigo), incorpora um pacote tecnologicamente exemplar. A produção é praticamente toda mecanizada, aí me parece que o processo é outro e por não ter sido o objeto de meu estudo, eu não poderia aprofundar essa questão.

PERGUNTA: Seria possível algum detalhamento sobre a situação posterior a 1960-1970, principalmente com as mudanças que ocorreram face à introdução de novas culturas? Na sua opinião, a chamada crise cafeeira foi um processo normal do ciclo de mercado, ou foi algo produzido ou pelo menos acelerado artificialmente? (Tomazi)

RESPOSTA: Esta pesquisa que desenvolvi foi até 1960, que é o período que, a meu modo de ver, explica a formação econômica e social do norte do Paraná. Após 1960 é um processo de desintegração do que tinha formado, do que o capitalismo formou na fase seguinte, mas eu creio que a gente pode re-



cuperar algumas contribuições muito importantes, muito pertinentes do processo anterior. Primeiro, lembremos que a participação do Estado no norte do Paraná, foi muito reduzida, ao nível produtivo praticamente não se fez presente. O Estado foi mais importante quando na questão de fixar os preços da terra e na questão da colonização e foi forçado a executar esse papel, dado os conflitos que estavam ocorrendo no período. E além disso, lembremos daquela conjuntura permitiu que os produtores se apropriassem da renda, pagassem a terra, e se tornassem proprietários sem banco nenhum. Isso acho extremamente importante e isso não é mais possível hoje em dia. Dificilmente você tem uma atividade na qual o capital não se faz presente no próprio processo de trabalho.

O processo de transição ou de transformação na fase subsequente de um processo extremamente complexo da década de 60, poderia ser melhor explicado pelo Shigeo.

PERGUNTA: Uma coisa que me chama muito a atenção... eu não sei baseado em que você afirma que todo esse processo de implantação e ocupação do Norte do Paraná foi feita praticamente sem a presença dos bancos. Bom, na pesquisa que eu realizei, há vamos dizer, 7 ou 8 anos, constatei que, já no final da década de 60, quase 70 % de todas as instalações bancárias do Paraná estavam instaladas no norte do Paraná. Em todo processo de ocupação, o banco sempre esteve presente, junto, e isso eu digo porque fiz pesquisa específica nessa área. Então eu não sei como é a sua colocação, não sei se você estaria se referindo por ex... não entendi, prefiro que você coloque. Uma outra coisa, mesmo nas instalações de infra-estrutura do café, o banco teve uma participação fundamental. Então houve assim uma proliferação dos bancos aqui no norte do Paraná. Um outro aspecto ainda relacionado aos bancos; veja bem, os comerciantes de café trabalhavam principalmente com banco e essa comercialização aqui do café foi bem diferente da comercialização do Estado de São Paulo, onde não só os bancos, mas como as máquinas de beneficiamento de café, tiveram um papel fundamental nesse jogo, vamos dizer, comercial.

Então eu queria que você detalhasse melhor essa questão da falta de presença dos bancos, pois a minha pesquisa mostrou justamente o contrário.

Numa das suas colocações, você afirmou que alguns colonos se tornaram proprietários. Realmente. Agora eu não sei o que você quer dizer com colonos, porque na fase da ocupação dessa área aqui, nas décadas de 30, 40 e até 50, quase todos os pequenos proprietários eram procedentes sobretudo do Estado de São Paulo e ex-colonos. Então eles vinham com poucos recursos e com o auxílio inclusive dos bancos conseguiram com "o custeio"; fazer a sua produção, enfim se capitalizar um pouco, produzir, e enfim todo esse esquema que você conhece. Então eu não sei, quando você diz que nas décadas de 40 e 50, que alguns ex-colonos... Eu diria muitos. Então, eu não sei se você está se referindo aos colonos do Estado de São Paulo ou do Estado do Paraná, gostaria que você especificasse.

Outra coisa que me chamou a atenção também é com relação à fertilidade do solo e café. Então veja bem, sabemos que há áreas não férteis no norte do Paraná, ou seja, de boa fertilidade inicial, com uma certa potencialidade e hoje não temos mais essa fertilidade. Mas no início Manoel, todo o norte do Paraná quase na 1ª fase de ocupação, mas praticamente quase sem exceção, foi feita à base de café, mesmo aquela do noroeste, hoje arenito e que não tem nenhum pé de café. Na fase do desmatamento do todo o norte do Paraná era uma área de matas, assim, após a derrubada, a primeira cultura era o café; na região de Jaguapitã há enclaves de arenitos e também no noroeste. Então, eu queria saber se você faz essa distinção também quando você coloca a questão da fertilidade em relação ao café.

Uma outra questão: e o peso do elemento humano que você quase não colocou? Para nós é bastante fundamental, esse elemento humano que veio para cá, que já trabalhava com café. (Yoshiya)

RESPOSTA: Em relação ao 1º ponto, da questão dos bancos, aqui a questão é a seguinte: Existe um trabalho feito em 1961 e publicado em 1964, de uma companhia de assessoria, a ASPLAN que precisou fazer um levantamento da cafeicultura no norte do Paraná a pedido do então Governador Ney Braga. Pois bem, lá diz que mais de 80 % do crédito destinado ao café que as agências bancárias davam eram destinados à comercialização. Era na comercialização que estava o "filé mignon". Veja, quando eu disse que os produtores não preci-

savam de banco, estou me referindo aos produtores na esfera produtiva, não na esfera da circulação. Além do mais, eu privilegiei nesse processo todo, apenas a produção camponesa. Mas como o Márcio já estava dizendo há pouco, além deles tinha uma participação muito grande, a produção capitalista, e as chamadas fazendas de café, o restante 18 %, 20 % eram assumidos, eram incorporados por esses produtores capitalistas. De forma que, embora os bancos fossem extremamente importantes em todo esse processo, não tiveram essa importância canalizada à esfera produtiva da produção camponesa. Então, pelo lado camponês a produção era encaminhada por um lado, via pequeno maquinista, e também, e através dele, para o grande maquinista comerciante. Mas esses dois canalizavam para os bancos. Além disso, o produtor camponês transferia uma parte de seu trabalho quando estava pagando a terra, para a Companhia de Terras Norte do Paraná. Mas o que eu pude constatar no meu trabalho é que essa participação, esse peso dos bancos foi mais restrito para os maquinistas, para os comerciante, e em menor grau para os maquinistas fazendeiros, para o produtor camponês não. A não ser com uma ressalva, no final dos anos 50, que o processo de desintegração, o processo de transformação já se manifestava, aí sim, de fato a gente percebe que o banco começa a financiar os produtores, isso se dá, seja porque o produtor vai diretamente ao banco, ou então via maquinista. O maquinista era avalista e podia então arrumar esse dinheiro para o produtor. Mas eu creio que no período todo de formação até 1960, a tendência, o fundamental, foi a produção, a exploração do café do pequeno produtor da produção camponesa, sem a participação do banco.

PERGUNTA: Mesmo assim eu acho que essa é uma questão discutível, sabe Manoel, eu não sei até que ponto você conhece a pequena propriedade, a média e a grande aqui no Paraná. Toda essa infra-estrutura colocada para o primeiro beneficiamento do café, ou do primeiro trato do café, é feito na própria propriedade, de todas as propriedades, de 5, 10 ou 20 alqueires, e, para a instalação de toda essa infra-estrutura a construção do terreiro, enfim, o banco teve um papel fundamental. Agora eu não vou discutir isso, é claro que eu não estou me referindo só ao fluxo, porque em relação ao fluxo por exemplo uma parte dos financiamentos

bancários foi também para as cooperativas e também, para o pequeno proprietário. Mas eu não estou me referindo a isso. Estou me referindo ao papel dos bancos em toda a fase desta ocupação. Então realmente foi, não sou eu que estou querendo afirmar, mas as minhas pesquisas demonstraram isso, e os gerentes de banco dessa época atestam isso. Então, fica essa dúvida não é; e a gente pode trocar idéias, se não fica um confronto desagradável. (Yoshiya)

RESPOSTA: Já que ela colocou, pois então vamos responder. Bom, eu não me lembro, e se disse eu errei mesmo, que apenas alguns colonos se tornaram proprietários de terra. Pelo contrário, o que eu tento demonstrar é que a maior parte deles se tornaram proprietários. Quando eu me refiro ao colono, eu estou me referindo, - embora isso é conotação do povo - , ao pequeno sitiante normalmente, mas eu me refiro assim ao colono, enquanto trabalhador direto nas fazendas de café; o estudo mostra que a maior parte deles se tornou proprietário e muitos deles, até mesmo parceiros, meeiros, e toda essa categoria de não-proprietários, também se tornaram proprietários.

Quanto à fertilidade do solo, aqui tem uma outra questão. Não é verdade que todo o norte do Paraná tenha terras roxas, não é verdade que todo o norte do Paraná seja fértil. O que ocorre é que o preço do café vigente naquela conjuntura foi de tal ordem, que permitia inclusive para solos não tão férteis sua exploração.

Aqui nesta figura por todos conhecida, observem o seguinte. Em primeiro lugar, com a extensão do ramal ferroviário de Cambará para frente, Maringá e hoje em Cianorte, a Companhia de Terras conseguiu melhorar a localização de suas terras, mas também terras de terceiros. Constatamos que essas regiões foram regiões de constante grilagem, até hoje de constante conflito, de Porecatu e tudo o mais, pela exclusiva razão que, quando a companhia melhora a localização dessas terras, acaba também melhorando a localização das terras adjacentes. Quer dizer permite, viabiliza, que terras não tão férteis quanto às terras roxas proporcionem também renda. Vejam como isso se amarra com o trabalho feito por Muller; vocês podem ver que a tendência é nesse sentido, mas está ocupando o norte do Paraná todo. Agora que os fluxos estão vindo para cá, embora nem sempre estas

áreas estivessem com infra-estrutura e nem sempre incorporaram solos bons. Por que razão é que no norte novíssimo nós não temos a participação de pequenos produtores como temos nessas regiões? Por que razão é que a pecuária se expandiu tremendamente? Quer dizer, eu acho que também a renda diferencial 1 explica isso. Aqui, quando começou a produzir café, quando foi ocupado produzindo café, a conjuntura de preços já estava lá embaixo, os impostos cobrados pelo Estado também estavam lá embaixo, e as doenças do café, brocas, também já estavam aparecendo.

Para finalizar, muitos aspectos de fato eu expliquei mal, ou não coloquei. Mas eu disse que, com toda essa melhoria de localização, com toda essa conjuntura favorável, se formou no norte do Paraná, um mercado de trabalho. Olha, eu não sei se o que estou dizendo vocês compreenderam. Mas para mim, aí já estou dando um papel extremamente importante ao elemento homem. Quer dizer, na medida em que existem pessoas que possuem apenas sua força de trabalho, que não têm recursos para adquirir terra, e que permite não apenas aos fazendeiros, como à própria Companhia de Terras, e até mesmo para aqueles produtores camponeses, permite o braço agrário, permite a expansão do café, e é importante dizer, permitem em condições extremamente vantajosas, custos extremamente baixos.